

GUERRAS HÍBRIDAS, DAS REVOLUÇÕES COLORIDAS AOS GOLPES

KORYBKO, ANDREW. GUERRAS HÍBRIDAS, DAS REVOLUÇÕES COLORIDAS AOS GOLPES. 2018. SÃO PAULO, EDITORA EXPRESSÃO POPULAR. ISBN 9788577433384.

*Simone Kawakami Costa*¹

Andrew Korybko é um jornalista, analista de geopolítica russo, conselheiro do Strategic Studies and Predictions. De certa maneira pode-se afirmar que se trata de um autor bastante alinhado com o objeto de suas reflexões, visto que atua na agência de notícias russa Sputnik, associada ao próprio governo russo, com sedes espalhadas por distintos países do mundo. Assim, seu livro recentemente publicado em português, *Guerra Híbrida: das revoluções coloridas aos golpes*, aborda os elementos teóricos e práticos que levaram as guerras irregulares a derivarem em guerras de quarta geração e revoluções coloridas. Ademais, a obra analisa a proliferação do uso das redes sociais e disseminação das *fake news* para promover a desestabilização, a partir do financiamento e instrumentalização de atores sociais diversos em nome de interesses externos, de modo a promover golpes brandos.

Desde as revoluções coloridas do Leste Europeu, passando pela Primavera Árabe, até as eleições brasileiras, que levaram um governo de ultradireita ao poder, poderiam ser qualificadas como demonstrações de que a guerra híbrida constitui-se como uma forma extremamente difundida no século XXI. Mas justamente por conta dessa ampla gama de usos do conceito de guerra híbrida que perdura certa dificuldade teórica de estabelecer sua aplicabilidade, e também seus limites.

A despeito disso a temática da guerra híbrida é extremamente atual, e tem adquirido uma importância crescente nos debates relativos às crises e processos políticos de distintos países do mundo, inclusive no Brasil. Em tempos em que o debate público é pautado pela aparição sistemática de trocas de mensagens entre altas autoridades, que revelam a ação de um autoritarismo judiciário extremamente ativo, a reflexão sobre a guerra híbrida torna-se ainda mais candente. Nesse sentido, as indicações de Andrew

¹Doutoranda em Economia Política Internacional pela UFRJ. Diretora da revista Estratégia Internacional Brasil. Email: simone.costa@pepi.ie.ufrj.br

Korybko sobre a evolução do conceito, e seus fundamentos revelam-se instigantes, sobretudo ao propor uma relação entre sua prática e a teoria clássica das relações internacionais.

O livro de Korybko defende a tese de que atualmente os Estados Unidos seriam a única nação a protagonizar guerras híbridas, contrariando parte das análises sobre o tema que haviam balizado esse debate, como os artigos publicados pelo general James Mattis e o coronel Frank Hoffman. Estes militares estadunidenses em sua elaboração *Future Warfare: The Rise of Hybrid Wars*, publicada na revista *Proceedings* de novembro de 2005, argumentaram que os Estados Unidos seriam o alvo primordial da guerra híbrida. Isso ocorreria devido à própria superioridade militar estadunidense, que seria um fator que obrigaria a todo e qualquer ator desafiante, regular ou não, a utilizar-se de métodos típicos das guerras não convencionais. Dessa forma, na interpretação oferecida por Mattis e Hoffman os Estados Unidos seriam o alvo das guerras híbridas, mas não seus protagonistas, e menos ainda seus idealizadores.

Porém, Andrew Korybko oferece outra interpretação. Retomando as elaborações caras aos teóricos clássicos da geopolítica, como Halford Mackinder e Nicholas Spykman, especialmente em relação à formulação de conceitos basilares como o *heartland* e *rimland*, Korybko busca demonstrar que os Estados Unidos desenvolveram o cerne do seu pensamento estratégico centrando-se em estabelecer uma linha de ação para a Eurásia, e em especial para lidar com a Rússia. A política externa estadunidense seria o produto de uma síntese de diversas correntes teóricas, mas o desafio constituído pela Rússia sempre teve uma posição hierárquica. A formulação das estratégias para lidar com a Eurásia seria a base essencial da guerra híbrida. É sob essa ótica que o autor revisita elementos presentes nas obras de Zbigniew Brzezinski, ex-Conselheiro de Segurança Nacional de Jimmy Carter, em especial a definição da importância da região dos Bálcãs Eurasiáticos para manutenção do domínio unipolar norte-americano após a queda da URSS.

Além da retomada das elaborações clássicas, o livro também revisita a literatura militar para oferecer um panorama das tendências à eclosão de guerras crescentemente mais fluidas, descentralizadas e, sobretudo, assimétricas que as ocorridas até a primeira metade do século XX. Dessa maneira, a ligação de tais formas de guerrear com as teorias do caos aplicadas às relações internacionais seria uma decorrência das novas condições geopolíticas em que o terreno da guerra se desenvolve. Faz-se notar, contudo, que por “caos” não se entende neste caso uma situação desordenada ou aleatória, mas uma dinâmica não linear das guerras e conflitos, que seria cada vez mais presente. Portanto, o caos não é produto do acaso, podendo ser parte constitutiva de uma estratégia maior, dando lugar dessa maneira a uma situação de caos denominado “criativo” ou ainda “controlado”, o que constituir-se-ia como o *modus operandi* das guerras híbridas.

As revoluções coloridas também assumem relevância no delineamento da guerra híbrida, podendo mobilizar uma parcela que sequer teria que se fazer majoritária para atingir seus objetivos. Assim, o autor detalha como a exploração eficaz por parte de atores externos das contradições latentes, que poderiam ser das mais variadas naturezas, como tensões de classes, de gênero, de nacionalidades no interior de determinada sociedade emergiria dessa maneira como uma estratégia menos custosa que a deflagração de guerras regulares. Essa dinâmica se expande em possibilidades, sobretudo se considera-se o uso crescente das redes sociais, que possibilitam a mobilização - e manipulação - quase impune de indivíduos e grupos.

O autor também tem a precaução de distinguir o sentido de guerras não convencionais de possíveis entendimentos equivocados que possam emergir de uma leitura desatenta. Retomando publicações de prestígio nos meios acadêmicos e especializados, ressalta como, por exemplo, as guerras não convencionais são o produto da ação de um movimento para coagir, ou até mesmo derrubar, um determinado governo. Mas que não deve ser usada para criar uma revolução, muito embora seus métodos possam - e devam - ser colocados em prática rapidamente caso se desencadeie uma revolução, seja essa de qual tipo for.

Decerto que esse quadro oferecido pelo autor, descrito de tal maneira, parece oferecer um retrato que beira a perfeição sobre as formas de desestabilização de uma nação, postas em marcha sem que seus protagonistas sequer tenham se dado conta disso. No entanto, diversos problemas ainda subsistem. Primeiro o questionamento acerca de que se as guerras híbridas seriam um fenômeno realmente novo, já que a instrumentalização e financiamento de atores e movimentos para a desestabilização de governos e povos é uma prática que é tão antiga quando o ato de guerrear. Os meios, possibilidades, e ampliação em larga escala trazidas pelas novas tecnologias seguramente mudaram a feição dessa prática. No entanto, segue a indagação sobre se isso seria o suficiente para cunhar uma teoria sobre uma nova forma de guerrear.

O outro problema é a identificação da guerra híbrida como uma prática essencialmente estadunidense. Se admitimos que as práticas de disseminar informações falsas, causar o caos construtivo e instrumentalizar toda gama de atores desestabilizadores possíveis não é nova, não se pode determinar que isso seja um monopólio dos Estados Unidos, muito embora possa ter suas origens sistematizadas na teoria geopolítica norte-americana.

Por fim, é possível que opere uma certa tendência a caracterizar todo e qualquer processo de mobilização massiva contra um governo vigente de guerra híbrida. Designar processos tão distintos entre si, tais como a Primavera Árabe a Revolução Laranja ucraniana, por exemplo, pode resultar em uma simplificação que mais reduz a complexidade de tais eventos, do que desnudam seu sentido profundo. Seja como for, isso não se sobrepõe ao fato de que a discussão oferecida por *Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes* seja tanto atual quanto necessária para todos os que estão atentos às drásticas transformações do panorama internacional, e nacional, que estamos vivenciando hoje.

REFERÊNCIAS

- KORYBKO, ANDREW. **Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes**. 2018. São Paulo, Editora Expressão Popular.
- MATTIS, J. HOFFMAN, H. **Future Warfare: The Rise of Hybrid Wars**. 2005. Disponível em <<https://www.usni.org/magazines/proceedings/2005/november/future-warfare-rise-hybrid-wars>> Acesso em 24/08/2019.

*Recebido em 18 de julho de 2019.
Aprovado em 28 de agosto de 2019.*

COPYRIGHT:

Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.

This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

